

de 144 educadores dos vários estados brasileiros desde o período colonial até os dias de hoje. Da primeira para a segunda edição foram incluídos os perfis de setenta novos educadores e manteve-se o critério de abrigar apenas aqueles já falecidos, considerando-se como dizem os organizadores “que a obra por eles realizada se concluiu com o termo de sua existência”. Sábia decisão que, certamente, minimiza a controvérsia estéril que poderia ser desencadeada por eventuais ausências de indivíduos ainda atuantes.

Dentre as inúmeras potencialidades do recurso à obra, algumas são assinaladas por Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero e Jader de Medeiros Brito, em sua apresentação à segunda edição. As observações dos organizadores dirigem a atenção dos leitores, simultaneamente, para as virtudes informativas dos verbetes, para modos possíveis de leitura e para peculiaridades que, eventualmente, ainda podem ser objeto de discussão e de retomadas e esse é o caso da seguinte advertência: “Outro aspecto a ressaltar é a presença das mulheres, elevando-se nesta edição ao total de 23 verbetes”. Poderíamos indagar sobre o fato de serem poucas mulheres diante do número total de educadores inclusos no *Dicionário*, ou poderíamos considerar o número razoável pelo fato das mulheres terem tido pouca visibilidade nos quadros mais legítimos do campo educacional ou poderíamos ainda, como o tom e as palavras dos organizadores parecem permitir entender, sentirmo-nos desafiados – enquanto estudiosos de história da educação – a colaborar na superação desses limites, certamente provisórios das presenças e ausências dos educadores e educadoras na obra.

A coexistência de várias possibilidades de leitura é exemplificada pelos organizadores ao assinalarem incursões que privilegiem proximidades temporais (períodos da história da

educação), afinidades disciplinares e temáticas (filosofia, sociologia ou psicologia da educação), ou ainda vizinhanças institucionais e geográficas. Em qualquer das hipóteses, é inegável a riqueza das informações às quais se tem acesso. Se é fato que as contribuições acadêmicas valem tanto pelo que mostram, e pelo que são quanto pelo que potencializam, estamos diante de uma obra que, para além do que mostra também configura plataformas para outros trabalhos da mesma natureza: obras de referência que ensejam análises com base em um trânsito mais produtivo entre os agentes, o campo educacional e os conhecimentos específicos da área, as idéias e as políticas, as teorias e as práticas. A obra potencializa mesmo o desejo de se ver multiplicada a iniciativa de produções congêneres: catálogos bibliográficos da área, guias de bibliotecas pedagógicas, repertórios da imprensa especializada em educação... novas contribuições para fecundar pesquisas.

Denice Barbara Catani

Faculdade de Educação
da Universidade de São Paulo

ARCE, Alessandra. A pedagogia na “era das revoluções”: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas: Autores Associados, 2002, 228 p.

A “era das revoluções” a que se refere o título desse livro advém de Eric Hobsbawm e circunscreve o período de 1789 a 1845, quando ocorreu a Revolução Francesa e quando a Revolução Industrial parecia determinar a forma triunfal e definitiva do capitalismo europeu. Foi também a época da intensificação dos movimentos sociais que pas-

saram a reivindicar o cumprimento das promessas feitas pela burguesia – liberdade, igualdade e fraternidade – e que resultaram nos primeiros levantes operários. Foi nesse conturbado contexto que viveram Johann Heinrich Pestalozzi e Friedrich August Froebel, responsáveis por formulações que exerceram sensível influência sobre o pensamento pedagógico e a prática dos educadores nos séculos XIX e XX, com repercussões até a atualidade.

O livro de Alessandra Arce resultou de sua tese de doutorado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP de Araraquara em 2001. É um dos estudos mais completos já feitos no Brasil sobre os dois autores alemães, cujas obras ainda não foram publicadas em nosso país, à exceção de um livro de Froebel, *A educação do homem*, lançado recentemente. Alessandra analisa o pensamento de Pestalozzi e Froebel destacando suas concepções de família, mãe e criança, bem como suas visões sobre o homem, Deus e natureza, as quais contribuem para delinear seus postulados educacionais. Como se nota, o vigor do livro consiste em não se limitar à apresentação, pura e simples, das biografias e das idéias estritamente pedagógicas dos autores; ambos são abordados em profundidade, como pensadores de uma época, em confronto com outros autores, em especial Dickens, Goethe e Schiller, e, mais ainda, são interpretados no âmbito de uma ampla e bem definida contextualização política e cultural.

A idéia central do livro – se é que se pode resumir-la em poucas palavras – remete a um questionamento sobre a roupagem ideológica dos dois autores; roupagem que Alessandra Arce retira, peça por peça, desnudando o pensamento de ambos, como convém ser feito com toda ideologia. Percebe-se em Pestalozzi e Froebel a expressão mais bem acabada de uma concepção burguesa

sa de mundo, de família e de educação, toda ela articulada em resposta à profunda crise de valores que se avizinha quando da impossibilidade de efetivação dos ideais iluministas no mundo concreto do capitalismo do século XIX. Tanto um quanto outro expressam idealizações do fazer pedagógico que traduzem o anseio de manter educadores e educandos aprisionados nas teias da alienação – é o que mostra o livro de Alessandra.

A autora apóia-se em referenciais teórico-metodológicos marxistas, mais precisamente no pensamento de Agnes Heller e nos trabalhos produzidos pelo grupo de estudos coordenado por Newton Duarte, docente da UNESP de Araraquara. Seu intento é contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia histórico-crítica, razão pela qual o estudo das idéias de Pestalozzi e Froebel, feito nesse livro, não tem um fim em si mesmo. *A pedagogia na “era das revoluções”* contém elaborada crítica à “pedagogia antiescolar”, expressão que Alessandra Arce utiliza para designar as pedagogias aistóricas, não-críticas e naturalizantes da condição humana – e da criança, em particular. Tal pedagogia se alicerça em princípios que

acabam por retirar a escola do centro do processo educativo, em benefício de processos espontaneístas que reduzem a educação escolar ao âmbito da domesticidade; trata-se de uma ideologia que permeia muitas das proposições teóricas contemporâneas, as quais colocam a criança no centro do processo pedagógico – tão no centro que remetem o professor ao exercício do maternalismo, ao mesmo tempo em que concebem os conteúdos das matérias escolares como empecilhos ao desenvolvimento “natural” e “espontâneo” do psiquismo infantil.

Nesse processo, que transforma o ambiente escolar em extensão do ambiente doméstico, educadores e educandos ficam impedidos de compreender as verdadeiras determinações da ordem social que os envolve. Ao invés de viabilizar o ingresso do indivíduo na esfera “não-cotidiana” – que contém os saberes formalizados, patrimônio superior da humanidade, que permitem desenvolver o pensamento crítico –, a escola promove a alienação do indivíduo por meio de sua imersão nas tramas da “vida cotidiana” – os dois conceitos são de Agnes Heller, retomados por Newton Duarte. Desse modo, percebe-

se que Alessandra Arce, ao articular seu estudo sobre Pestalozzi e Froebel, visa um alvo que se localiza na atualidade: são as proposições pedagógicas que, absorvidas por determinadas noções de infância e escola, elaboram a educação infantil como um fazer destinado à adequação do homem à irracionalidade reinante na sociedade capitalista – embora percebam a si mesmas como promotoras do desenvolvimento humano.

O livro de Alessandra Arce analisa com clareza e precisão as idéias de Pestalozzi e Froebel. Ao fazê-lo, traz um posicionamento crítico bem definido, não se esquivando das polêmicas que certamente irá gerar. Esse é um mérito da autora: ela sabe que vai de encontro às tendências hegemônicas do pensamento pedagógico contemporâneo – que assumem de modo acrítico um certo papel para a educação escolar – mas não tem receio de expressar suas idéias. Esse é o mérito que se deve reconhecer nos genuínos pesquisadores.

Marcus Vinicius da Cunha
Faculdade de Filosofia Ciências
e Letras de Ribeirão Preto
da Universidade de São Paulo